



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

## **SUSPENSÃO E MANUTENÇÃO DO REAL: O NARRADOR COMO AGENTE DUPLO PARA A INSTAURAÇÃO DO FANTÁSTICO**

### **SUSPENSION AND MAINTENANCE OF THE REAL: THE NARRATOR AS A DOUBLE AGENT FOR THE FOUNDATION OF THE MAGICAL**

Mario Henrique Vieira Cardoso<sup>1</sup>

#### **Resumo:**

Verificar o comportamento evasivo no modo como o narrador de “Um moço muito branco” informa o leitor dos fatos da sua narrativa. O caráter fabular da narrativa Roseana que, por vezes ganha contornos de uma tradição oral de contação de estórias, afirma-se assim para garantir o vislumbre de um mundo mítico calcado na especulação folclórica, que é de forte regulamentação para a compreensão do homem sertanejo, figura basilar dos contos de Guimarães Rosa. Assim a leitura vai permitir conferir que a forma com que o narrador elenca os eventos e descrições da narrativa, oscilando entre o real e fantástico desperta no leitor um ponto de hesitação, fundamental para a instauração do insólito. Aparado por Todorov e suas teorias veremos como essa hesitação viabiliza a instauração do fantástico. Também a condução do narrador para equilibrar esses dois mundos possibilita conferir ao conto seu caráter de realismo fantástico.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa. Narrador. Hesitação. Realismo Fantástico.

#### **Abstract:**

Verifying the evasive behavior in the way the narrator in “Um moço muito branco” informs the reader of the facts of his narrative. The fable-like characteristics of the Rosean’s narrative which, at times takes on the shape of an oral tradition of storytelling, asserts itself this way to guarantee the frame of a mythical world established in the folkloric speculation, which is a strong regulation for the comprehension of the sertanejo, a basilar figure of Guimarães Rosa’s short stories. Thus the reading will allow us to check the way in how the narrator places the events and descriptions of the narrative, oscillating between the real and magical awakens in the reader a state of hesitation, fundamental to the foundation of the unusual. Sustained by Todorov and his theories we see how this hesitation facilitates the foundation of the magical. Also the narrator’s conduction to balance these two worlds enables to accredit the short story its character of magical realism.

**Key words:** Guimarães Rosa. Narrator. Hesitation. Magical Realism.

#### **Introdução**

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Literários, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, na Universidade Estadual de Maringá. E-mail: [mr.h.cardoso@gmail.com](mailto:mr.h.cardoso@gmail.com).



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

As narrativas Roseanas passam hoje, reconhecidamente, pela defrontação do ser com ele mesmo e sua existência, emoldurados no fascínio da rude paisagem sertaneja, ganham significados universais, e neste universo de sua criação o espaço do sertão é ao mesmo tempo real e mágico. O sertão é o mundo, e como mundo se bipartiu na relação opositiva, porém não excludente, de real e fantástico. Comunhão de coexistência que sobrepostas evidenciam seus limites e a solidariedade de seus contornos a fim da realização de um cosmo complexo e completo. Muitas vezes já representada na obra, lança aspectos que permitem que enxerguemos o fantástico tal qual se dá para nós tanto em literatura como na investigação humana de nossa existência, por meio de mistérios e furtivos olhares, que por vezes irrompem a grossa camada de nosso ceticismo, cientificismo e incauta percepção para aspirar e espiar a camada reflexiva e refletida da vida como tal.

O que por vezes é dito sobre as narrativas de Rosa como metafísica ou existencialista não está no plano, na maior parte das vezes ou não com tanta profundidade, residida no sujeito, seja por uma negatividade ou uma profícua reflexão do ser em relação a ele mesmo, mas é no pano de fundo da existência, a realidade, que Guimarães se propõe a desestabilizar a mansidão do olhar humano mais corriqueiro.

O traço rude do homem sertanejo, de hábitos práticos e pragmáticos ambientado no campo, lugar do mais banal prosaísmo, parece lugar perfeito para Rosa cultivar a verdadeira natureza da sua visão sobre o sobrenatural, longe de especulações transcendentais e investigações profundas sobre nosso papel no mundo, Minas Gerais pode atingir também as grandes questões sobre o metafísico mesmo que sua paisagem rude e longínqua pareça afastar qualquer dúvida sobre o empirismo da realidade.

O poder de fabulação é indispensável para a literatura, entender-nos como ser e sociedade é permitido por meio da ficção de nossa realidade, como uma espécie de tubo de ensaio a literatura se oferece como palco de estudo da nossa condição. Contudo a narrativa fantástica desdobra sobre essa fabulação não só um outro campo de experimentação como nossa própria percepção sobre nosso panorama humano.

O caráter humanizador da literatura, ou seja, aquilo que nos legitima enquanto ser humano, é dado num processo de instrução conduzido por essa literatura, assim dar vazão ao fantástico é integrar a essa instrução os mais recônditos sentimentos da nossa existência, permitir que a dúvida seja explorada em direção daquilo que nos é dado postularmente. Reconhecer que temos dúvidas dessa natureza viabiliza uma ficção que averigue, no palco das experimentações, ou seja a literatura, e ajude a nos formar como humanos, pois dada a nossa condição de investigação quanto a nossa existência tudo é permitido para saciar tamanha incerteza.

A literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa – o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras (CANDIDO, 2002, p. 83).



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

É nessa didática que Rosa vai nos guiar a instrução, por meio de um reconhecimento sobre a pluralidade de perspectivas, muitas vezes afastadas do convencional e até mesmo banidas do raciocínio lógico. Uma literatura que busca, apesar da marginalidade do tema e da imprecisão que a acompanha, contemplá-la de maneira formadora, pois a literatura tem a incumbência de representar um mundo em que todas as manifestações que agitam o homem podem ser submetidas a fabulação. “Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2002, p. 85).

### **Desenvolvimento**

Partindo dessa marca percebida na obra de Guimarães Rosa (1975), o conto “Um moço muito branco” do livro *Primeiras Estórias* publicado em primeira edição em 1962, percorre nos seus elementos narrativos os contornos característicos para a implantação do fantástico, tanto no que tange como peculiaridade de gênero narrativo quanto a sua inscrição na curiosidade da percepção humana. A suspensão da certeza levantada em contos fantásticos é o desencadeamento primordial para que a leitura siga uma estrutura lógica, definida em um acordo no momento em que o leitor se põe perante o texto. A participação do conto com aquilo que para nós é dado como factual, o mundo perceptível é solapada de repente dando condição a instauração do insólito. É nesse momento que se estabelece com o leitor o acordo, que segundo Todorov (2010), tem duas possibilidades:

Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós (TODOROV, 2010, p. 30).

A condição de verificação do fenômeno fantástico também deve se submeter a um tipo de hesitação, não só pelo desafio que é comprovar os fatos e dessa forma elucidar os acontecimentos segundo o que nos é mais habitual, como também o empecilho que é vencer o medo daquilo que não podemos explicar, esse horror é intrínseco a fundação do insólito, é preciso que ele exista para emoldurar o fato e lançar sobre ele a hesitação em verificá-lo. Lovecraft (1987, p. 1) expõe que “a emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga do medo é o medo do desconhecido”. O medo causado nos personagens devido aos fatos ocorridos na comarca de Serro Frio se aplica também ao leitor, que passa agora a inteirar-se dos fatos.

Dito que um fenômeno luminoso se projetou no espaço, seguido de estrondos, e a terra se abalou, num terremoto que sacudiu os altos, quebrou e entulhou casas, remexeu vales, matou gente sem conta; saiu outrossim medonho temporal, com assombrosa e jamais vista inundação, subindo as águas do rio e córregos a sessenta palmos de plana (ROSA, 1975, p. 99).



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

A intensidade com que o conto fantástico solapa a realidade é tão profunda que o medo pode ser estendido ao leitor, uma vez que firmado o acordo, este não se dá apenas no campo isolado da ficção mas se projeta para o mundo do leitor, que agora partilha não só da suspeita do real mas do medo de sua averiguação.

Na instauração para a suspeição do real Rosa não projeta tal dúvida no sonho ou no devaneio de um só personagem ou narrador, não é a partir da perspectiva individual, campo mais fecundo para instauração do sobrenatural, que se desencadeia os fatos que estão ligados ao insólito, mas em episódio profundamente conhecido. Isso não só garante o jogo narrativo que se dará para que os fatos pertencentes ao sobrenatural se mantenham em suspeição, como lança no próprio espaço da narrativa a condição de potencialidade de ser eminentemente real e insólito.

No conto o primeiro ponto de investida de suspensão ou hesitação do real se dá na inverossimilhança da descrição da cor do moço, uma distinção não pertencente ao reconhecível no mundo real, assim como também a sua chegada, que estava indissociável do episódio do temporal muito atípico acontecido na véspera e o que se sucedeu na narrativa com a presença do moço nessa sua jornada corroboram para colocar em dúvida aquilo que é pertinente a nossa percepção empírica e aquilo que só pode ser compreendido com a aceitação da possibilidade do insólito.

Para além da defrontação com aquilo que pode ser encarado como sobrenatural, mesmo sob a flagrante denúncia da nossa percepção e concepção sobre o que é real ou normal, é preciso dar suporte para que o fato não seja relegado a um simples engodo dos nossos sentidos. A narrativa com a intenção fantástica deve estar amparada por mecanismos de comunicação próprios da literatura que deem suporte a leitura ficar ambígua quanto a consistência dos fatos.

Quem fica atribuído de operar a persistência da dúvida, no caso impor ao leitor a sensação de hesitação quanto aos fatos é o foco narrativo do conto, por isso é preciso saber localizar a posição do narrador frente a narrativa. O narrador do conto está recontando uma estória, já recontada por muitos e, que estes por sua vez então teriam ouvido daqueles que provavelmente seriam testemunhas oculares e contemporâneas do caso. O narrador evidencia que os fatos se tratam de uma narrativa por ele ouvida e que há inúmeras versões para esta, e mesmo essa versão que ele está narrando não é incontestável, como nota-se no excerto que segue: “Seja que da maneira ainda hoje se conta, mas transtornado incerto, pelo decorrer do tempo, porquanto narrado por filhos ou netos dos que eram rapazes, quer ver que meninos, quando em boa hora o conheceram” (ROSA, 1975, p. 99). Assim a narrativa fica vetorizada por dois pólos que, ora reforçam a autenticidade da estória, ora atenuam tal autenticidade. Se por um lado o fato da estória ter sido muitas vezes contada pode atestar a notoriedade da veracidade dos fatos, por outro lado sua profícua difusão pode ter a alterado tanto que justificaria o ar de irrealidade que ela contém.

Isto posto, logo ao início do conto, flexibiliza-se ainda mais a manutenção do real, pois o próprio narrador não atesta nem descredibiliza a veracidade dos fatos. A narração em primeira pessoa, mais usual nesse gênero literário, tendo em vista que facilita a insurreição do insólito uma vez que a narrativa fica comprometida por uma subjetivação e perspectiva individual é dispensada no conto para dar lugar a narrativa de tradição oral, que é por si só ambígua, ora se caracteriza como verdadeira, devido ao fato de ter muitas testemunhas sobre o ocorrido, ora se destitui de credulidade levando em



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

consideração que os testemunhos se entrelaçaram num mosaico distante da verdade, o que é pertinente ao efeito temporal de uma estória oral.

O jogo narrativo mantido durante o conto se coloca no limite da tomada de decisão estabelecida por Todorov, apesar das contribuições ao insólito por meio dos acontecimentos no texto, a postura frente ao fantástico pretendida pelo autor, segundo a leitura de suas instâncias narrativas, reiteradas constantemente no conto, fornecem a indicação de que o leitor, para acessar o fantástico, não chega ao ponto de optar necessariamente uma das opções de possibilidades de contingência de regras que regem o mundo, e sim tão só a postulação da possibilidade já é suficiente para emergir o fantástico.

Esse jogo narrativo se dá por meio do ponto de vista dividido que a narrativa é expressa, o ponto de vista do narrador, em que temos marcas de tentativa da manutenção do mundo real, em que o narrador vê o moço como sendo muito branco, já anunciado no título, e o ponto de vista da comunidade em que os fatos pretendem solapar o mundo real, e a visão deles sobre o moço espregia algo de sobrenatural.

O conto começa com a especificação de data e local, com a intenção de fortalecer a visão do narrador e sedimentar a percepção do mundo real. E reforça autenticidade do episódio dizendo que houve notas na imprensa local, “referido nas folhas”, (ROSA, 1975, p. 99) para logo depois o próprio narrador ceder quanto a estranheza dos acontecimentos “deram-se fatos de pavoroso suceder” (ROSA, 1975, p. 99), indicando assim, que os fatos tem de alguma forma uma natureza distinta.

O jogo permanece, e assim vários momentos do trecho ficam sujeitos a essa força de vetorização que divide o ponto de vista acerca da estória, no caso da descrição do moço, num trecho curto percebemos como essa divisão se revela:

Tão branco; mas não branquicelo, senão que de um branco leve, semidourado de luz: figurando ter por dentro da pele uma segunda claridade. Sobremodo se assemelhava a esses estrangeiros que a gente não depara nem nunca viu; fazia para si outra raça (ROSA, 1975, p. 99).

A primeira explicação dada a brancura do moço infere que há dentro da pele uma segunda claridade, vetorizando aqui o ponto de vista do insólito, mas logo em seguida é dada uma explicação mais racional a de que ele era estrangeiro, assim sendo, sua brancura era surpreendente pelo fato de que naquela região não tinham contatos com estrangeiros que supostamente eram bem mais brancos, entretanto novamente se estabelece uma conexão com o fantástico quando é dito que ele fazia para si uma outra raça, permitindo a ideia de uma origem extraterrestre ou sobrenatural.

A aparição misteriosa e repentina do moço, assim como o fato de não falar e compreender mal a fala dos moradores da região e também sua ascendência, tudo fica atribuído em meio explicado devido a evento catastrófico ocorrido. O que provoca no leitor novamente uma dúvida, por não poder assegurar que tal evento pudesse provocar tal fato tão singular.

As marcas de mudança de opinião e explicação perante os fatos não são as únicas a evidenciar a diferença das instâncias narrativas. O narrador que tem mais proximidade com o mundo real, ou aquele que por uma questão didática podemos aproximar do sujeito que escreveu a narrativa que temos contato, e por assim dizer sem maiores implicações, somente para facilitar aqui nossa



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

averiguação, o autor, delimita no texto o descompromisso que ele tem com a narrativa do povo, a qual ele teve acesso para poder nos repassar o conto.

Quando na ocasião em que o moço muito branco se encontra com o cego esmoleiro nos degraus da igreja e para ele dá a semente da planta cuja nunca se tinha visto o narrador encerra o trecho assim: “contam que seus olhos eram cor-de-rosa!” (ROSA, 1975, p. 100). A indeterminação do sujeito na frase demonstra que o autor joga a responsabilidade dos fatos ao povo, deixando imprecisa a fonte da história, e se põe no lugar de um simples ouvinte de causos. Outra demonstração em que o narrador imputa a narrativa ao povo, indeterminado a procedência da história a fim de conferir a ela uma inconstância quanto a precisão dos fatos, e faz isso ao mesmo tempo em que se exime da responsabilidade dos fatos narrados, sobretudo quando narra fatos que potencialmente podem ficar sem uma explicação lógica. “Ele andava muito na lua, passeava por todo o lugar e alhonde, praticando aquela liberdade vaporosa e o espírito de solidão; parecesse alquebrado de um feitiço, segundo os dizeres do povo” (ROSA, 1975, p. 100). O narrador vai além de pontuar essas marcas que conferem ao conto tudo que pode ser visto como indeterminação e uma costura de versões de fatos que imprimem na estória um teor de invencionice e exageros populares. Ele expõe a sua impressão da estória, num ato de descrença sobre os fatos de que ele outrora ouviu e que agora repassa. “Do que adveio o caso da moça Viviana, sempre mal contado[...].” (ROSA, 1975, p. 101)

Mais ponto que nós põe nesse entrecaminho do real e do fantástico está nas declarações de juízo desferidas pelo autor sobre o personagem de José Kakende, o único a proferir de maneira aberta uma visão sobrenatural dos fatos,

o rojo de vento e grandeza de nuvem, em resplendor, e nela, entre fogo, se movendo uma artimanha amarelo-escura, avoante trem, chato e redondo, com redoma de vidro sobreposta, azulosa, e que, pousando, de dentro, desceram os arcanjos, mediante rodas, labaredas e rumores (ROSA, 1975, p. 100).

A descrição do evento sucedido na véspera do dia do fatídico do temporal é declaradamente uma visão que implode uma concepção do real, assim também se dá quando este assiste e ajuda o moço muito branco na sua partida, “Com a primeira luz do sol, o moço se fora, tidas asas”(ROSA, 1975, p. 101), neste trecho a afirmação de que o moço havia criado asas e partido está explícita. Porém dado a natureza do tratamento que o narrador dá ao personagem José Kakende ficamos novamente entre a credulidade dos fatos e a incredulidade. Veja como o autor, mesmo partindo da ótica dos outros personagens, se refere a José Kakende,

Quiçá mais o preto José Kakende, escravo meio alforriado de um músico sem juízo, e ele próprio de Ideia conturbada; por último, então, delirado varrido, pelo fato de padecidos os grandes pavores, no lugar do Condado girava agora por aqui e ali, a pronunciar advertências e desorbitadas sandíces — querendo pôr em pé de verdade portentosa aparição que teria enxergado, nas margens do rio do Peixe, na véspera das catástrofes (ROSA, 1975, p. 101).



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

Os fatos ocorridos além de serem afastados no movimentos das instâncias narrativas, o que poderia permitir ao leitor a tomada de um dos lados para se verificar a veracidade do acontecido, também é posta em xeque pelo juízo de valor da testemunha, na pessoa de José Kakende, quando tem sua sanidade questionada. Questionada não somente pelo narrador mas também pelo padre quando menciona o relato do preto que lhe contou sua aparição como “despauteradas falas” (ROSA, 1975, p. 99).

Os movimentos das instâncias narrativas assim como a credulidade e a incredulidade nos fatos configuram aqui o que para Rosa é a própria questão do sobrenatural, não uma oposição bem delimitada que acontecem em universos paralelos, para ele o sobrenatural caminha em linhas de encontro e desencontro desses dois mundos. Há não só uma coexistência como uma conexão entre os universos, mas que por sua vez só pode ser provada pelo homem de modo furtivo, oscilante e escorregadio. O sobrenatural para o homem é uma experiência fortuita, não se trata de aceitar ou não as regras que regem o mundo, mas de aplicá-las duplamente a vida, sendo assim o homem não vive sob uma ou outra, mas apenas experimenta o sobrenatural.

Posicionado nesta ante sala do fantástico, agora, é preciso expor a razão pela qual o sobrenatural tem no conto em questão esse caráter fugaz. As imprecisões deixadas nas marcas das instâncias narrativas e na incerteza dos fatos nos fez hesitar quanto à recepção dos fatos narrados, entretanto agora é preciso ir aos fatos e ver o que deles pode-se sopesar para caracterizar a natureza deste fantástico.

Uma transição de cores é várias vezes notada no texto no movimento entre claro e escuro e luz e sombras. Fácil de perceber que a luz sempre gira em torno do personagem principal, o moço muito branco, por conseguinte tudo que é sombra está afastado dele. Contudo há uma união dessas oposições na amizade entre o moço e José Kakende, esse, negro escravizado semi alforriado o outro como se sabe muito branco. Tudo que é sobrenatural nesse conto orbita em torno do moço e tem por característica, assim como o moço, o branco, o claro, a luz dessa forma o único que tem, de maneira mais evidente, contato com o sobrenatural é José Kakende aquele que se aproxima mais do moço e por isso pode testemunhar e relatar de maneira definitiva as visões do sobrenatural.

A luz muitas vezes ligada a razão aqui é posta como acesso ao sobrenatural, é por meio da proximidade dela que se pode espiar o fantástico. Para que o moço misterioso surgisse houve um temporal com raios e relâmpagos fenômenos de natureza luminosa e inconstante assim também foi necessário nove fogueiras, o fogo também de caráter luminoso e efêmero, para que o moço pudesse regressar de onde veio. Assim o sobrenatural aqui expresso por meio da luz e sumamente ligado a sua característica efêmera nos permite constatar que para Guimarães Rosa o sobrenatural é uma experiência somente permitida através do real.

Vejam mais sobre essa inconstância como representação do sobrenatural. O próprio moço intimamente ligado à luz por vezes surge entre inconstâncias. Logo no início do conto se menciona como ele surgiu “foi ele avistado, de muito manhã, aparecendo e se escondendo por detrás do cercado das vacas” (ROSA, 1975, p. 99). Assim também se dá na sua partida, “Disse-se, que safra, na véspera, de paragem, pelos altos, num de seus desapareceres; era um tempo de trovoadas secas” (ROSA, 1975, p. 103).



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

Sua chegada e sua partida também são sinais de inconstância, surgiu como do nada e se foi tão misteriosamente. A planta gerada a partir da semente dada ao cego, única coisa pertencente ao moço que pressupõe-se também tem a mesma origem, cresceu, floresceu e morreu não deixando um único fruto ou caroço para ressurgir, mais uma vez o caráter efêmero da natureza sobrenatural. Por fim, o próprio conto relata como ficou marcada essa passagem: “Ele cintilava ausente, aconteceu. Pois. E mais nada” (ROSA, 1975, p. 103).

Tudo quanto poderia afirmar a incontornável presença ou ocorrido de natureza sobrenatural acabou se desfazendo, contudo não anula a suspeição da realidade. Tanto a planta dada ao cego, objeto material incontestável prova do insólito não se manteve, assim como também a presença do moço e seus efeitos, que agora não passam de uma sensação amortecida, seja na saudade de Hilário ou na felicidade de Viviana que apesar de permanecer parece se manter por conta própria e não mais pela razão do moço. Tudo isso serve de metáfora para o próprio sobrenatural que se manifesta e se apresenta de forma oscilante sem poder ser apreendida, pois isto é imanente à sua natureza. O conto de Rosa nos impele irredutivelmente a falsear nosso passo em determinar a consistência dos acontecimentos na ambígua divisão de real ou irreal. Isso porque o narrador está sempre conduzindo a narrativa de modo a reforçar que os fatos narrados tem sempre uma explicação muito óbvia e factível, seja por fornecer tal explicação por meio de uma racionalidade não cogitada ou pelo desdenho que implanta na versão dos fatos dados pela comunidade. A narrativa fica exposta sob dois pontos de vista: 1º- sob o ponto de vista do narrador e 2º- sob o da comunidade.

Dessa forma, a maneira como Guimarães Rosa expressa seu sobrenatural passa incontornavelmente pelo real, as duas formas de reger o mundo para ele se dão em conexão. O sobrenatural é por assim dizer uma forma possível da existência humana, definitivamente não em outro plano mas em um único plano, no qual o homem o prova o espia, mas que nunca poderá de fato atestá-lo. Isso em configurações de literatura pode ganhar uma classificação mais precisa como realismo mágico, entretanto no mundo criado por Rosa tudo está contido nas possibilidades da realidade humana.

### **Considerações finais**

É inegável o esforço do narrador para imputar o juízo sobre os fatos ao leitor, esse movimento de expor fatos inexplicáveis e em seguida desvalidá-los, seja pela indeterminação da procedência ou pela diversidade que foi construída e até mesmo a desqualificação dos contadores, testemunhas e da própria estória vai afastando o narrador da obrigação da veracidade de seu enunciado.

A suspeição sobre os fatos flutua, o narrador repele de si o compromisso da verdade, e também não podemos lançar sobre a comunidade um âncora para nós assegurar sobre a autenticidade do sobrenatural, muito disso devido ao juízo, o único que nos é conferido, que é do próprio narrador.

A ocorrência do sobrenatural, fica dessa forma, ligado não aos indivíduos que tem em maior ou menor medida proximidade com o fato, desde os que presenciaram até os que ao longo do tempo, inferindo no conto sua credulidade ou não, repassaram a estória.

Guimarães Rosa projeta a suspeição do real para além da nossa percepção individual, ele não deixa a questão do sobrenatural como uma dúvida singular, por isso o conto envolve toda uma



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

comunidade, também não particulariza uma experiência, mas põe a dúvida ao alcance de todos, a realidade não é intermediada por um caso isolado de alguém em uma situação única, mas partilhada o que permite considerar que há entre real e fantástico uma coexistência solidária e não apenas uma furtiva intuição subjetiva.

A condição para o sobrenatural é imanente e eminente à existência, superando assim os juízos de valor que possam lhe ser indexados, dessa forma o sobrenatural se sobressai e suplanta não na existência, que é muito mais suscetível a interpretações individuais, entretanto é no empirismo, naquilo que pode ser por todos assistido que o sobrenatural pode potencialmente surgir.

### **Referências**

CANDIDO, A. **A Literatura e a formação do homem**. Textos de Intervenção. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

LOVECRAFT, H. P. **O horror sobrenatural na literatura**. Trad. de Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

ROSA, Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1975.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.